

Valores, Altruísmo e Comportamentos de Ajuda: Comparando Doadores e Não Doadores de Sangue

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, PB, Brasil

Walberto Silva dos Santos

Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, CE, Brasil

Rebecca Alves Aguiar Athayde

Roosevelt Vilar Lobo de Souza

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, PB, Brasil

Estefânea Élide da Silva Gusmão

Universidade Federal do Piauí
Teresina, PI, Brasil

RESUMO

Os comportamentos de ajuda e altruísmo consistem em ações em prol do bem-estar do outro, variando quanto ao grau de entrega e sendo fundamentais para as relações interpessoais. Portanto, saber o que motiva tais comportamentos pode contribuir para compreender a natureza humana e desenvolver intervenções fomentando condutas pró-sociais. Este estudo objetivou conhecer em que medida os valores humanos se correlacionam com estes construtos em grupos de doadores e não doadores de sangue. Participaram 142 pessoas da população geral (idade: $M=27$, $DP=19,93$; 60,6% mulheres), compondo, equitativamente, os dois grupos (doadores e não doadores). Por meio de ANOVA avaliou-se em que medida as pontuações destes diferiam acerca dos construtos avaliados. Observou-se que os doadores são mais altruístas e apresentam mais comportamentos de ajuda, além destes construtos terem apresentado correlações com valores que caracterizam uma orientação universalista. Discutem-se estes achados à luz da teoria funcionalista dos valores humanos.

Palavras-chave: Altruísmo; comportamentos de ajuda; doação; valores humanos.

ABSTRACT

Values, Altruism and Helping Behaviors: Comparing Donors and Non-Donors of Blood

Helping behavior and altruism are actions for the wellbeing of others, which vary in degree of delivery and are fundamental to interpersonal relationships. Therefore, knowing what motivates such behaviors might contribute to the understanding of human nature and to develop interventions that promote pro-social behaviors. This study aimed to know to which extent human values correlate with these constructs in groups of donors and non-donors of blood. Participants were 142 people from the general population (age: $M=27$, $SD=19.93$; 60.6% female), equally composing both groups (donors and non-donors). Through an ANOVA, the extent to which the scores of these groups differ from each other was evaluated. It was observed that donors are more altruistic and present a greater amount of helping behavior, besides presenting significant correlations to values that characterize a universal orientation. These findings are discussed based on the functional theory of human values.

Keywords: Altruism; helping behaviors; donation; human values.

RESUMEN

Valores, Altruismo y Comportamientos de Ayuda: Comparando Donantes y No-Donantes de Sangre [1]

Las conductas de ayuda y el altruismo corresponden a acciones en favor del bienestar del otro, variando con respecto al grado de entrega y siendo fundamentales para las relaciones interpersonales. Por lo tanto, saber qué motiva estas conductas puede contribuir para comprender la naturaleza humana y desarrollar intervenciones que promueven conductas prosociales. Este estudio ha tenido como objetivo conocer en qué medida los valores humanos se correlacionan con estos constructos en grupos de donantes y no donantes de sangre. Participaron 142 personas de la población general (edad: $M=27$, $DT=19.93$; 60.6% mujeres), divididas por igual en dos (donantes y no donantes). Por medio de un test de ANOVA se evaluó en qué medida las puntuaciones de estos grupos se difieren con respecto a los constructos estudiados. Se observó que los donantes son más altruístas y presentan más conductas de ayuda, y que sus puntuaciones en estos constructos se correlacionaron con valores que caracterizan una orientación universalista. Se discuten estos hallazgos teniendo en cuenta la teoría funcionalista de los valores humanos.

Palabras clave: Altruismo; conducta de ayuda; donación; valores humanos.



INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem sido marcada por um apelo frequente para a responsabilidade social. Isso se observa, por exemplo, em comportamentos de empresários que buscam assumir um papel solidário e social, no aumento do número de organizações não governamentais e projetos sociais de doação voluntária, bem como em razão do sentimento de comoção mundial provocado por catástrofes (Diniz, 2009). Esta preocupação tem se refletido em publicações recentes que passam a ter em conta disposições, afetos e comportamentos pró-sociais, como podem ser a empatia (Huber & MacDonald, 2011), o desejo de perdoar (Deshea, 2003) e o altruísmo (Mathur, Harada, Lipke, & Chiao, 2010).

Saber o que motiva os comportamentos pró-sociais pode contribuir para compreender a natureza humana, seus limites e suas capacidades. Nesta direção, podem ser considerados três níveis de análise: *micro*, em que se busca a origem da tendência pró-social em humanos (e.g., bases neural, evolucionista) (Mathur et al., 2010; Penner, Dovidio, Piliavin, & Schroeder, 2005); *meso*, em que se examina a ajuda no nível interpessoal (e.g., entre quem solicita e quem recebe a ajuda), buscando entender quando e por que as pessoas ajudam (Dovidio & Penner, 2001); e, finalmente, *macro*, cujo foco é a ação pró-social que ocorre em contextos de grupos ou grandes organizações (e.g., grupos de doadores de sangue, organizações de voluntariado). Neste último nível, destacam-se as pesquisas com o intuito de analisar quais variáveis estão envolvidas na decisão de se tornar um voluntário ou de ajudar alguém (Penner et al., 2005).

O presente estudo se insere no nível micro de análise, focando mais em variáveis de natureza psicológica, apesar de sua ênfase em contrastar grupos (doadores vs. não doadores). Concretamente, o foco recai sobre o comportamento pró-social considerado mais autêntico e genuíno: o altruísmo. Isto se deve ao fato de sua presumível importância para a explicação de alguns comportamentos sociais importantes, como doar sangue (Blanca, Rando, Frutos, & López-Montiel, 2007; Rushton, Chrisjohn, & Fekken, 1981). Este é um ato voluntário de solidariedade que, constantemente, salva a vida de milhares de pessoas; mas, apesar do apelo de órgãos públicos e campanhas frequentes, apenas cerca de 1,8% da população brasileira é doadora de sangue, número que é insuficiente quando comparado à demanda, e encontra-se abaixo da taxa recomendada pela Organização Mundial de Saúde, que varia de 3,5 a 5% da população (Zago, Silveira, & Dumith, 2010).

Decidir ser ou não um doador potencial de sangue ou órgãos, ao menos em outros contextos culturais, parece estar correlacionado com as pontuações na *Escala de Altruísmo Autoinformado* (Blanca et al., 2007; Rushton et al., 1981). Não obstante, os estudos relacionados a esta temática carecem de amostras que levem em conta o relato de pessoas que apresentem comportamentos de altruísmo no seu cotidiano, como é o caso do ato de doar sangue (Maner & Gailliot, 2007; Rushton et al., 1981; Yi, Charlton, Porter, Carter, & Bickel, 2011). Nesta direção que o presente estudo procurou inovar, levando em conta duas direções: (1) considera respostas de pessoas que, efetivamente, doam sangue, emparelhando seus perfis com aqueles de não doadoras, de modo a checar se o traço de altruísmo explica a diferença entre ambos os grupos; e (2) procura conhecer em que medida o traço altruísmo e a ação de doar sangue são fundamentados em princípios axiológicos assumidos pelas pessoas. Portanto, este estudo procurou verificar se os valores humanos se correlacionam com o traço altruísta e se estas variáveis diferem nos grupos de doadores e não doadores de sangue. Especificamente, objetivou-se: (a) comparar os perfis valorativos de doadores e não doadores de sangue; (b) verificar se estes grupos diferem com relação ao comportamento de ajuda; e, finalmente, (c) compreender a relação entre o altruísmo e o ato de doar sangue.

A seguir, os construtos abordados neste artigo serão detalhados. Inicialmente, a temática do altruísmo será tratada, sendo o mesmo considerado aqui como um comportamento pró-social motivado e um traço de personalidade. Em seguida, abordar-se-á os valores humanos, tendo em vista a importância destes para a explicação de diversos comportamentos sociais (Gouveia, 2013); estes serão considerados a luz da teoria funcionalista dos valores humanos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Altruísmo: Comportamento Pró-social Motivado e Tipo de Personalidade

Diversos debates filosóficos, psicológicos, antropológicos e sociológicos têm sido travados há mais de um século em torno da seguinte questão: por que, em alguns momentos, as pessoas demonstram comportamentos nobres, de admirável autossacrifício, ao passo que, em outros, são indiferentes ou coniventes com a dor e o sofrimento humano? (Batson & Powell, 2003; Penner et al., 2005; Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2009). Diante deste paradoxo, é possível observar pensadores, a exemplo de Maquiavel, Hobbes e Freud, que defendem uma visão negativa

da natureza humana, afirmando que as pessoas são autointeressadas e egoístas, cabendo à sociedade controlar suas tendências ruins. No entanto, há outros, como Rousseau, Maslow e Rogers, que postulam que, apesar de ser autor de ações negativas, o homem é eminentemente bom, detentor de natureza benévola (Goldstein, 1983).

É neste cenário de indagações que os pesquisadores atentam para um tipo extraordinário de ato pró-social: o altruísmo (Batson & Powell, 2003; Krueger, Hicks, & McGue, 2001; Michener, DeLamater, & Myers, 2005). Apesar de não haver uma definição precisa e consensual acerca deste construto (Bar-Tal, 1976), no geral, pode-se concebê-lo como um ato voluntário do indivíduo, que é motivado para beneficiar o outro, sem que tal comportamento seja guiado por expectativas de recompensas externas, ou tenha como fim evitar punições ou estímulos aversivos (Chou, 1996; Goldstein, 1983; Maner & Gailliot, 2007). Portanto, este ato é considerado moralmente como uma forma avançada de comportamento pró-social, visando ajudar outras pessoas, colocando o bem-estar delas acima de seu próprio interesse (Aronson, Wilson, & Akert, 2002).

Segundo Leeds (1963), três são as características principais do altruísmo: (a) apresenta um fim em si mesmo e não é direcionado a um ganho ou lucro, (b) é voluntário e (c) se propõe a fazer o bem. Deste modo, ao passo que o comportamento pró-social se refere a todo e qualquer ato praticado com o objetivo de beneficiar outra pessoa, podendo ou não envolver possíveis benefícios para o agente (como é o caso dos comportamentos de ajuda e doação), o altruísmo envolve maior autossacrifício do que ganho próprio (Goldstein, 1983). Assim, o altruísta é dotado de comportamento, atitude e motivação, estando genuinamente dirigido a agir em benefício do outro sem esperar qualquer coisa em troca (Maner & Gailliot, 2007).

No âmbito das pesquisas, Rushton et al. (1981) destacam que, apesar de alguns defenderem que o altruísmo é um fator situacional, têm sido reunidas evidências favoráveis à existência de um traço de personalidade altruísta. Isso implica que algumas pessoas são consistentemente mais generosas, prestativas e gentis do que outras, fazendo com que sejam prontamente percebidas e descritas como altruístas. Porém, sabe-se que diversos fatores se associam com este traço de personalidade e os comportamentos correspondentes. Destacam-se, entre tais fatores, os valores humanos (Wezel, 2010). De fato, estes têm sido um construto importante para compreender diversos fenômenos sociopsicológicos, provavelmente pelo papel primordial que as prioridades

axiológicas exercem no processo seletivo de ações humanas (Bardi & Schwartz, 2001; Rokeach, 1973). Neste sentido, justifica-se considerar a temática dos valores humanos neste contexto.

Valores Humanos

Embora existam modelos mais difundidos na literatura acerca dos valores humanos (e.g., Inglehart, 1991; Rokeach, 1973; Schwartz, 1994), optou-se nesta oportunidade por considerar a *teoria funcionalista dos valores* (Gouveia, 2003, 2013). Repetidamente, esta tem se mostrado como um marco importante e adequado para pensar os valores, sendo parcimoniosa, integradora e teoricamente fundamentada (Gouveia, Fonsêca, Milfont, & Fischer, 2011). Estes autores têm em conta três pressupostos teóricos ao conceber os valores, a saber: (1) assumem a natureza benevolente do ser humano; (2) admitem que estes são representações cognitivas das necessidades individuais, demandas da sociedade e institucionais, que restringem os impulsos pessoais e asseguram um ambiente estável e seguro; e (3) consideram como apropriado tratá-los como terminais, ou seja, expressam um propósito em si, sendo definidos como substantivos.

O foco principal desta teoria são as funções dos valores, reconhecendo que duas são as principais: (1) os valores guiam as ações do homem (*tipo de orientação*; Rokeach, 1973) e (2) dão expressão às suas necessidades básicas (*tipo de motivador*; Inglehart, 1991). Tais funções valorativas formam dois eixos principais, que podem ser combinados em uma estrutura três por dois, com três *tipos de orientação* (pessoal, central e social) e dois *tipos de motivadores* (materialista e humanitário), compondo seis quadrantes: social-materialista, social-humanitário, central-materialista, central-humanitário, pessoal-materialista e pessoal humanitário.

Gouveia et al. (2011) afirmam que, quanto aos tipos de orientações, os indivíduos que apresentam um tipo de orientação *social* são centrados na sociedade ou possuem um foco interpessoal, enquanto aqueles que endossam um tipo de orientação *pessoal* são mais egocêntricos ou possuem foco intrapessoal. Contudo, pesquisas têm demonstrado a existência de um terceiro grupo de valores, os *centrais*, que são congruentes com os pessoais e sociais, representando o eixo a partir do qual os demais valores se estruturam (Gouveia, 2003, 2013). No que diz respeito aos tipos de motivadores, estes autores os classificam como *materialistas* (*pragmáticos*) e *humanitários* (*idealistas*). Enquanto os valores materialistas remetem à praticidade, orientação para metas específicas e normatividade, indicando indivíduos preocupados com a sobrevivência e as condições para assegurá-la, os valores humanitários

expressam uma orientação universal e abstrata, indicando um espírito inovador, preocupado com os outros e menos apegado a bens materiais.

A partir das interações dos valores ao longo dos dois eixos (tipo de orientação e tipo de motivador), são identificadas seis subfunções valorativas. Estas são distribuídas de forma equitativa nos critérios de orientação *pessoal* (experimentação e realização), *central* (suprapessoal e existência) e *social* (interativa e normativa), e motivadores *materialista* (existência, realização e normativa) e *humanitário* (suprapessoal, experimentação e interativa). Cada uma destas subfunções pode ser definida nos seguintes termos (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2011):

Subfunção experimentação. Cumpre critério de orientação pessoal, representando um motivador humanitário. Remete à necessidade de satisfação fisiológica retratada por meio do princípio de prazer (Maslow, 1954), não sendo a pessoa que o endossa orientada a buscar metas em longo prazo; desfruta-se do aqui e agora, sendo aberto a mudanças.

Subfunção realização. Tem orientação pessoal, porém um motivador materialista. Representa um princípio que guia os indivíduos à busca de realizações materiais, interações sociais prósperas e funcionamento institucional adequado. Visa-se o próprio benefício e alcançar as metas autoimpostas (Schwartz, 1994).

Subfunção existência. Esta subfunção tem uma orientação central e um motivador materialista. Refere-se às necessidades fisiológicas mais básicas, como comer, beber e dormir, mas também aquela de segurança (Maslow, 1954, Ronen, 1994). A pessoa que o prioriza procura assegurar um contexto de estabilidade, primando por sua saúde física e mental.

Subfunção suprapessoal. Parte de uma orientação central, porém enfoca o motivador humanitário. Esta subfunção é priorizada por pessoas que costumam pensar de forma mais abrangente e abstrata, tomando decisões e se comportando a partir de critérios universais (Ronen, 1994).

Subfunção interativa. Esta subfunção tem uma orientação social e um motivador humanitário. Representa as necessidades de pertença, amor e filiação (Maslow, 1954), sendo essencial para o estabelecimento e a manutenção de relações interpessoais. Pessoas que a adotam tendem a primar por suas relações acima de qualquer coisa.

Subfunção normativa. Apresentando uma orientação social e motivador materialista, esta subfunção representa o controle e as pré-condições indispensáveis à satisfação das necessidades (Maslow, 1954; Ronen, 1994), indicando a importância de preservar normas,

tradições e culturas, assegurando a estabilidade da sociedade.

Cada uma dessas subfunções é representada por valores específicos, como indicados a seguir: *experimentação* (emoção, prazer e sexualidade), *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência), *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição) (Gouveia, 2003). Estes valores são exemplares, podendo as subfunções ser representadas por outros valores específicos sem prejuízo para seu conteúdo (número e representação das subfunções) e estrutura (relação entre as subfunções).

Esta teoria vem sendo corroborada em diversos estudos (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2011), revelando-se adequada para explicar comportamentos e atitudes sociais, como: responder sem preconceito frente a homossexuais (Gouveia, Athayde, Soares, Rodrigues, & Andrade, 2012), interesse vocacional (Gouveia, Meira, Gusmão, Souza Filho, & Souza, 2008) e atributos desejáveis do parceiro ideal (Gouveia et al., 2010). Deste modo, justifica-se empregá-la neste estudo, que tem como um dos propósitos conhecer como os valores se relacionam com comportamentos altruístas.

O estudo sobre a base valorativa do ato altruísta foi previamente levado a cabo por Rushton et al. (1981), embora considerando valores isolados. No caso, estes autores observaram que as pontuações em sua medida de altruísmo estavam correlacionadas positivamente com a prioridade dada aos valores *igualdade* e *prestativo*. Congruente com este achado, van de Vliert, Huang e Parker (2004) empregaram um conjunto de nove valores para definir o nível de altruísmo dos países: *prestativo, justiça social, um mundo em paz, honesto, responsável, aceitando minha parte na vida, igualdade, leal e liberdade*. Schwartz (2007) constatou que a importância que as pessoas atribuem a valores do tipo motivacional *universalismo* estava diretamente correlacionada com *atividade pró-social que beneficia a sociedade como um todo*. Mais recentemente, Oveja e Salgado (2013) observaram que este tipo motivacional se correlacionou diretamente com o fator *preocupação da comunidade*, enquanto os de *benevolência* o fizeram com o fator *afirmação dos valores*, ambos tendo a ver com a preocupação com as pessoas e a sociedade como um todo. Portanto, fica evidente que um coro de valores tem relação mais estreita com os comportamentos pró-sociais, quicá incluindo o altruísmo, destacando-se aqueles que permitem representar melhor a dimensão humanitária, como os das subfunções *interativa* e *suprapessoal*.

Em resumo, reconhecendo o ato de doar sangue como uma ação altruísta de fundamental importância para a sociedade, procedeu-se com este estudo que põe em evidência as atitudes e valores relacionados ao perfil do doador de sangue, o qual pode trazer uma importante contribuição para estratégias de sensibilização das pessoas em relação a esta temática. Concretamente, objetivou-se comparar doadores e não doadores em suas pontuações em tais construtos, saber em que medida e direção estes se correlacionam entre si e se podem arrojar luz para compreender o comportamento de ajuda e o ato de ser doador de sangue.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 142 pessoas da população geral de João Pessoa (PB), distribuídas equitativamente entre doadores e não doadores de sangue. No primeiro grupo, a idade média dos participantes foi de 27,1 ($DP=9,50$), sendo a maioria do sexo feminino (60,6%) e solteira (74,6%). No segundo grupo, a idade média foi de 31,4 ($DP=19,93$), sendo a maioria do sexo masculino (69%) e solteira (67,1%). Tais participantes diferiram no que diz respeito ao sexo [$\chi^2(1)=12,71$, $p<0,01$] e à idade [$t(138)=2,49$, $p<0,05$], contudo não se diferenciaram quanto ao estado civil [$\chi^2(3)=2,73$, $p>0,05$]. Tratou-se de amostra de conveniência, não probabilística, tendo participado as pessoas que, uma vez convidadas, concordaram em participar voluntariamente do estudo.

Instrumentos

Os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

Escala de Altruísmo Autoinformado (EAA). Originalmente elaborada por Rushton et al. (1981), é composta por 20 itens (e.g., *Já dei dinheiro para uma organização de caridade; Já ofereci ajuda a um deficiente ou idoso desconhecido para atravessar a rua*), que são respondidos em escala de respostas de cinco pontos, variando de 0 = *Nunca* a 4 = *Muito frequentemente*. Representa uma estrutura unidimensional, apresentando consistência interna acima de 0,70 em diversos países [e.g., Canadá (Maclean, Walker, & Matsuba, 2004) Estados Unidos (Krueger et al., 2001)]. No Brasil, Gouveia, Athayde, Gouveia, Gomes e Souza (2010) observaram resultados similares, tendo esta escala se mostrado unifatorial, apresentando alfa de Cronbach superior a 0,80, mesmo excluindo três itens; a versão com 20 itens adaptada é utilizada no presente estudo.

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Compõe-se de 18 itens ou valores específicos, avaliando as seis subfunções anteriormente descritas: *experimentação* (emoção, prazer e sexualidade), *realização* (êxito, poder e prestígio), *existência* (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde), *suprapessoal* (beleza, conhecimento e maturidade), *interativa* (afetividade, apoio social e convivência) e *normativa* (obediência, religiosidade e tradição) (Gouveia et al., 2011). Com o fim de respondê-lo, o participante deve indicar o grau de importância que cada um dos valores tem como um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de resposta de sete pontos, com os seguintes extremos: 1 = *Totalmente não importante* e 7 = *Totalmente importante*. Existem evidências sobre sua adequação psicométrica na realidade brasileira, corroborando o conteúdo e a estrutura das subfunções valorativas (Gouveia, 2013; Medeiros et al., 2012).

Finalmente, os participantes também responderam a um questionário demográfico, reunindo perguntas sobre estado civil, idade e sexo. Foram incluídas também perguntas acerca de indicadores de comportamentos de ajuda. Especificamente, se a pessoa realiza trabalho voluntário, tem atividades de caridade, costuma fazer doações de caridade e tem algum tipo de serviço voluntário, existindo duas alternativas de resposta: *sim* (1) ou *não* (0).

Procedimento

Inicialmente, o projeto referente a esta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Lauro Wanderley, tendo sido oportunamente aprovado (Proc. 0157/09). Posteriormente, procedendo à pesquisa, os participantes foram abordados individualmente em lugares públicos (hemocentro e universidade) por um grupo de três pesquisadores treinados. A todos foi informado o propósito do estudo e assegurado o anonimato e o caráter voluntário de sua participação, devendo, antes de proceder, assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, atestando sua concordância em participar no estudo. As respostas foram dadas individualmente pelos participantes, que eram acompanhados pelos pesquisadores, os quais procuravam esclarecer eventuais dúvidas quanto ao preenchimento dos instrumentos. Em média, 20 minutos foram suficientes para concluir a participação na pesquisa.

Análise dos Dados

Para a tabulação e análise dos dados, utilizou-se a versão 18 do *PASW (Predictive Analytics Software)*. Foram calculadas estatísticas descritivas (medidas

de tendência central e dispersão, distribuição de frequência), principalmente para caracterizar a amostra estudada, e foram realizadas MANOVAs e ANCOVAs com o fim de conhecer em que medida os participantes doadores e não doadores diferiam em termos de suas pontuações nas medidas de altruísmo e valores humanos. Além disso, foram calculadas correlações de *Pearson* com o propósito de conhecer em que medida as pontuações dos participantes nas subfunções valorativas se correlacionariam com aquelas de altruísmo e doador de sangue regular. O *Rho* de Spearman foi empregado para avaliar a correspondências das hierarquias de valores dos grupos de doadores e não doadores. A análise de componentes principais foi empregada para decidir agregar os indicadores de comportamentos de ajuda.

RESULTADOS

Esta seção é apresentada em subtópicos de acordo com os objetivos da pesquisa. Deste modo, inicialmente, são apresentadas as análises concernentes à relação entre o traço altruísta e os valores humanos. Em seguida, são primeiramente comparados os grupos de doadores e não doadores de sangue quanto ao altruísmo e, finalmente, em termos de indicadores de comportamento de ajuda.

Valores Humanos, Altruísmo e Indicadores de Comportamentos de Ajuda

Procurou-se primeiramente comparar as médias para cada subfunção valorativa (teste *post hoc* de Bonferroni) em doadores de sangue [*Lambda de Wilks*=0,22, *F*(5, 63) = 44,68, *p*<0,001] e não doadores de sangue [*Lambda de Wilks*=0,18, *F*(5, 66) = 60,38, *p*<0,001]. Como é possível observar na Tabela 1, embora haja alguma variação nas médias, estas não diferiram estatisticamente entre os grupos (*p*>0,05),

sendo a hierarquia axiológica praticamente a mesma (*r*=1).

Passo seguinte, as pontuações em altruísmo e valores humanos foram correlacionadas separadamente para cada um dos grupos, conforme é possível observar na Tabela 1. O conjunto de valores parece consistentemente associado com o altruísmo, sobretudo no grupo de pessoas que são doadoras de sangue. Especificamente, constatou-se que unicamente a subfunção *realização* não se correlacionou com as pontuações deste construto em dito grupo (*p*>0,05); os valores com motivador humanitário (abstrato, idealista, não materialista) o fizeram diretamente, como seguem (*p*<0,05): *experimentação* (*r*=0,34), *suprapessoal* (*r*=0,26) e *interativa* (*r*=0,25), destacando-se, ainda, o coeficiente de correlação para a subfunção *existência* (*r*= 0,30, *p*<0,01). O padrão de associação entre valores e altruísmo foi diferente no grupo de não doadores; neste unicamente se observou correlação significativa para a subfunção *experimentação*, porém esta foi inversa (*r*=-0,24, *p*<0,05).

Por último, assumindo que os quatro indicadores de comportamentos de ajuda avaliados (*trabalho voluntário*, *atividades de caridade*, *doação de caridade* e *serviço voluntário*) representam um mesmo construto (disposição à ajudar), decidiu-se avaliar a pertinência de criar uma pontuação total. Neste sentido, fez-se primeiramente uma análise de componentes principais com tais indicadores, que revelou valor próprio de 1,71, explicando 42,8% da variância total, apresentando saturações entre 0,39 (*serviços voluntários*) e 0,83 (*doações de caridade*). Quanto aos seus indicadores de consistência interna, observou-se alfa de Cronbach de 0,53 e correlação média inter-itens de 0,22. Sua pontuação total não se correlacionou com altruísmo no grupo de doadores (*r*=0,11, *p*>0,05), porém o fez entre os não doadores (*r*=0,56, *p*<0,001); entre aqueles as

TABELA 1
Estatísticas descritivas e correlações entre as subfunções valorativas e a escala de altruísmo nos grupos de doadores e não doadores de sangue

Subfunções valorativas	Altruísmo ($\alpha=0,87$)							
	Doadores ($\alpha=0,86$)				Não doadores ($\alpha=0,86$)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	α	<i>r</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	α	<i>r</i>
Experimentação	4,8	0,82	0,37	0,35**	4,7	0,76	0,50	-0,24*
Realização	4,9	0,87	0,50	0,03	4,8	0,89	0,64	-0,02
Existência	6,2	0,66	0,49	0,32**	6,2	0,63	0,38	-0,19
Suprapessoal	5,6	0,70	0,36	0,24*	5,5	0,74	0,54	0,06
Interativa	5,8	0,82	0,39	0,25*	5,7	0,72	0,68	-0,01
Normativa	5,4	1,07	0,58	0,23*	5,3	0,97	0,62	0,01

* *p*<0,05, ** *p*<0,001.

M = média, *DP* = desvio padrão, α = alfa de Cronbach.

pontuações nos indicadores de ajuda se correlacionaram apenas com a subfunção *normativa* ($r=0,32$, $p<0,01$), enquanto que entre estes últimos o fizeram apenas com a subfunção *realização* ($r=0,30$, $p<0,05$).

Comparando os Grupos de Doadores e Não Doadores de Sangue

A fim de verificar se os grupos de doadores e não doadores diferem no que concerne ao traço altruísta, realizou-se um teste *t* de *Student* para amostras independentes. Neste caso, verificou-se que os doadores de sangue são mais altruístas ($M=1,89$; $DP=0,54$) do que os não doadores ($M=1,54$; $DP=0,45$), sendo tal diferença estatisticamente significativa [$t(140)=-4,09$; $p<0,001$]. Entretanto, considerando a possibilidade de esta diferença se dever a variáveis demográficas que diferenciam tais grupos, decidiu-se dirimir dúvidas. Concretamente, buscou-se conhecer se os participantes que se declaram doadores de sangue regulares apresentam pontuações diferentes em altruísmo daqueles que se dizem não doadores, controlando os efeitos de idade e sexo dos participantes. Realizou-se, então, uma *Ancova* considerando o altruísmo como variável dependente, a variável doador como antecedente e a idade e o sexo como covariantes. Os resultados apoiaram a importância de doar sangue para definir o grupo de pertença [$F(1, 117)=12,36$, $p<0,001$, $\chi^2=0,10$]. Novamente, os doadores pontuaram mais no construto altruísmo ($M=2,0$, $DP=0,58$) do que o fizeram aqueles que se declararam não doadores regulares ($M=1,6$, $DP=0,51$). Com isso, é possível inferir que as pessoas ditas *altruístas* são mais propensas a doarem sangue regularmente.

Por fim, com o propósito de avaliar a predisposição a apresentar comportamentos de ajuda entre doadores e não doadores, tomaram-se em conta os quatro indicadores destes comportamentos: se a pessoa realiza trabalho voluntário, se tem atividades de caridade, se já fez ou faz doação de caridade e se pratica algum tipo de serviço voluntário. Na Tabela 2 são apresentadas as porcentagens de respostas afirmativas para cada indicador.

TABELA 2
Porcentagem de comportamentos de ajuda em doadores e não doadores de sangue

Grupos	Indicadores de Comportamentos de Ajuda			
	Trabalho Voluntário	Atividades de caridade	Doação de caridade	Serviços Voluntários
Doadores	12,7%	42,3%	44,3%	48,6%
Não doadores	4,2%	29,6%	29,6%	35,2%

Como pode ser observado nesta tabela, consistentemente os doadores de sangue apresentaram maior porcentagem de respostas afirmativas para os quatro indicadores do que o fizeram os não doadores. Destacam-se, principalmente, as *doações de caridade* (44,3% contra 29,6%, respectivamente) e os *serviços voluntários* (48,6% contra 35,2%). Contudo, quando comparadas as porcentagens de cada grupo, não se observou diferença estatisticamente significativa [$\chi^2(3)=2$, $p>0,05$]. Entretanto, considerando a pontuação total nestes indicadores, justificada a partir da análise de componentes principais, observou-se que as médias dos grupos de doadores ($M=1,43$; $DP=1,17$) e não doadores ($M=0,76$; $DP=0,91$) diferiram estatisticamente [$t(111)=3,64$, $p<0,001$] e na direção esperada.

DISCUSSÃO

Como previamente mencionado, a doação de sangue é um ato voluntário de permitir a retirada do seu próprio sangue para beneficiar pessoas que dele necessitam. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil necessita em média de 5.500 bolsas de sangue diariamente, porém o número de doações ainda é limitado (Zago et al., 2010). Neste sentido, é justificável o empreendimento de conhecer variáveis que podem estar relacionadas com este ato. Nesta direção, alguns autores apontam o altruísmo como um traço que pode ser importante (Blanca et al., 2007; Rushton et al., 1981), e este, por sua vez, mostra indícios de se correlacionar com os valores humanos (Schwartz, 2007; van de Vliert et al., 2004). O presente estudo reuniu evidências a este respeito, mostrando que os valores têm um papel importante em atitudes e comportamentos pró-sociais (Gouveia, 2013).

No geral, tal como os resultados puderam demonstrar, pessoas que são doadores regulares de sangue não diferem daquelas que não o são em termos de seus valores ou subfunções, o que parece divergir do que se presume no dia a dia. Entretanto, é importante assinalar que tais pessoas, independentemente do grupo em que foram classificadas, compartilham o mesmo conjunto de valores, que, no contexto da pesquisa (João Pessoa, cidade da região Nordeste), põem ênfase naqueles que acentuam a dimensão materialista (*existência*) e também a orientação social (*interativa*) (Gouveia, Albuquerque, Clemente, & Espinosa, 2002; Hofstede, Hilal, Malvezzi, Tanure, & Vinken, 2010). Entretanto, mesmo não diferindo em suas pontuações dos valores, observaram-se correlações dos valores com altruísmo e comportamentos de ajuda que variaram para os participantes de um e outro grupo.

Em se tratando das análises acerca dos doadores de sangue, um grupo que se presume mais voluntarioso (Rushton et al., 1981), apresentando maior disposição a ser doador meramente com o fim de ajudar os demais (Boenigk, Leipnitz, & Scherhag, 2011), pareceu bastante coerente que as pontuações destas pessoas em altruísmo fossem diretamente correlacionadas com aquelas em valores humanitários, como representados pelas subfunções *experimentação*, *suprapessoal* e *interativa*. Estas retratam um indivíduo com uma orientação mais universalista, preocupando-se com todas as pessoas, não apenas aquelas que as cerca (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2011).

Contudo, talvez esta concepção de ajudar ao próximo, ao menos neste contexto de maior escassez econômica, quando comparado com outras regiões do Brasil, justifique o endosso da subfunção *existência* como atrelada ao altruísmo (Hofstede et al., 2010); é possível que ajudar ao próximo, mesmo sendo um ato com traços altruístas, revele uma preocupação com a própria condição futura do indivíduo. Haverá que pesquisar este aspecto, quiçá indagando as pessoas o sentido de doar sangue, avaliando a influência de sua expectativa futura sobre a necessidade de sangue.

No caso dos não doadores, ficou evidente que a única subfunção que se correlacionou com o altruísmo foi *experimentação*, que o fez negativamente; esta subfunção reflete uma preocupação menos materialista e voltada para o prazer em termos amplos, promovendo uma visão mais aberta do mundo (Gouveia, 2013). Portanto, parece coerente que aqueles que não doam e se pautam por tais valores sejam menos altruístas.

Embora possam estar teoricamente relacionados, tratando-se sob a categoria genérica de comportamentos e/ou atitudes pró-sociais (Michener et al., 2005; Penner et al., 2005), o altruísmo e o conjunto de comportamentos de ajuda parecem mais construtos independentes no grupo de doadores; neste estudo se mostraram ao menos indicadores ortogonais, compartilhando apenas cerca de 1% de variância. Porém, na amostra de não doadores uma situação diferente foi desenhada, onde tais construtos compartilharam mais de 30% da variância. Quiçá os sentidos de altruísmo e comportamentos de ajuda sejam diferentes para ambos os grupos.

A especificidade de cada um destes construtos se faz ainda mais evidente quando a pontuação total dos indicadores de comportamentos de ajuda foram correlacionados com os valores humanos. No caso dos doadores, tais comportamentos se correlacionaram com a subfunção *normativa*, e quando considerados os não doadores, o fizeram com a subfunção *realização*. O que ambas têm em comum? Representam a dimensão materialista dos valores, focada no aqui e

agora, dirigida para coisas concretas, revelando que os comportamentos assinalados são algo bastante específico e pragmático (Gouveia et al., 2011), apesar de ter conotação diferente para tais grupos. Pode significar um comprometimento endogrupal e o cumprimento de obrigações culturalmente impostas para os doadores, e uma possibilidade de obter prestígio e *status* por parte dos não doadores (Gouveia, 2013). Porém, não é possível descartar que tais comportamentos, que são politicamente corretos, refletiram algo de deseabilidade social (Gouveia, 2003). Demanda-se, pois, avaliar seu efeito na explicação da relação entre valores e indicadores de comportamentos de ajuda.

Os valores parecem ser um construto importante para compreender os comportamentos pró-sociais (Oceja & Salgado, 2013). São particularmente importantes como fundamento para o altruísmo no grupo de pessoas doadoras regulares de sangue. Contudo, muito ainda resta por conhecer. Previamente foram mencionadas algumas possibilidades de pesquisas futuras, mas outras poderão igualmente ser pensadas. Nesta direção, aproveitando o anteriormente comentado, quiçá a própria natureza do altruísmo e dos comportamentos de ajuda em geral tenham um elemento central de deseabilidade social, que também é inerente a alguns valores, como os de orientação social. Portanto, requer-se, por exemplo, considerar intentos de mensurar os valores e mesmo estes traços como medidas implícitas, diminuindo a dissimulação dos participantes e a reatividade da medida (Gouveia, Athayde, Mendes, & Freire, 2012). Entretanto, será preciso também pensar naqueles que, por primeira vez, decidiram doar sangue, procurando conhecer o que faz mais provável que se tornem um doador regular, que é fundamental para manter os bancos de sangue; provavelmente os valores humanos terão muito a aportar (Boenigk et al., 2011).

Diante do exposto, ao observar evidências de que valores com o tipo de motivador universalista estão estreitamente relacionados com medidas que avaliam o altruísmo e intenções para realizar comportamentos de ajuda, pode-se pensar em propostas interventivas pautadas em tais valores. Com isso, pretende-se endossar desde comportamentos que não envolvam grande esforço (e.g., atividade voluntária, doação de caridade), até aqueles que implicam em maior autossacrifício (e.g., doação de medula óssea ou de sangue), contribuindo para minimizar a carência de doadores no contexto brasileiro, a qual se configura como um emergencial problema de saúde pública (Zago et al., 2010).

Por fim, estima-se que os objetivos deste estudo tenham sido alcançados. Entretanto, cabe reconhecer

algumas de suas limitações potenciais, a começar pela amostra; esta não foi representativa da população paraibana, o que pode restringir a generalização dos achados. Porém, outros aspectos necessitam também ser indicados, a exemplo do local de realização da pesquisa e as medidas utilizadas. No primeiro caso, destaca-se que a coleta foi realizada comumente em local público, com dificuldade para obter respostas dos participantes, que eram orientados a escrever em prancheta cedida, quando não eram lidas as perguntas e anotadas as respostas. No segundo, previamente se comentou sobre a necessidade de investir em medidas de associação implícita; de fato, aquelas de autorrelato podem resultar em vieses de resposta (van de Mortel, 2008). Contudo, ressalta-se também a necessidade de contar com medida mais específica e psicometricamente adequada de comportamentos de ajuda, procurando considerar múltiplos itens e suas dimensões.

REFERÊNCIAS

- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Bardi, A., & Schwartz, S. H. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-290.
- Bar-Tal, D. (1976). *Prosocial behavior: Theory and research*. Washington, DC: John Wiley & Sons.
- Batson, C. D., & Powell, A. A. (2003). Altruism and prosocial behavior. In T. Millon, M. J. Lerner & I. B. Weiner (Eds.). *Handbook of psychology, personality, and social psychology* (Vol. 5, pp. 463-484). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc.
- Blanca, M. J., Rando, B., Frutos, M. A., & López-Montiel, G. (2007). Perfil psicológico de potenciales donantes y no donantes de órganos. *Psicothema*, 19, 440-445.
- Boenigk, S., Leipnitz, S., & Scherhag, C. (2011). Altruistic values, satisfaction and loyalty among first-time blood donors. *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 16, 356-370.
- Chou, K. L. (1996). The Rushton, Chrisjohn and Fekken Self-Report Altruism Scale: A Chinese translation. *Personal Individual Differences*, 21, 297-298.
- Deshea, L. A. (2003). Scenario-based Scale of Willingness to Forgive. *Individual Differences Research*, 1, 201-217.
- Diniz, P. K. C. (2009). *Correlatos valorativos e emocionais do altruísmo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Dovidio, J. F., & Penner, L. A. (2001). Helping and altruism. In G. Fletcher & M. Clark, *International handbook of social psychology: Interpersonal processes* (pp. 162-195). Oxford: Blackwell Sci.
- Fonsêca, P. N., Chaves, S. S. S., & Gouveia, V. V. (2006). Professores do ensino fundamental e bem-estar subjetivo: Uma explicação baseada em valores. *Psico-USF*, 11, 45-52.
- Goldstein, J. (1983). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: Fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V., Albuquerque, F. J. B., Clemente, M., & Espinosa, P. (2002). Human values and social identities: A study in two collectivist cultures. *International Journal of Psychology*, 37, 333-342.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Gouveia, R. S. V., Gomes, A. I. A. S. B., & Souza, R. V. L. (2010). Escala de Altruísmo Autoinformado: Evidências de validade de construto. *Aletheia*, 33, 30-45.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. A. (2012). Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12, 80-92.
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Soares, A. K. S., Rodrigues, R. C. R., & Andrade, J. M. (2012). Valores e motivação para responder sem preconceito frente a homossexuais. *Psicologia em Estudo*, 17, 215-225.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Gouveia, R. S. V., Diniz, P. K. C., Cavalcanti, M. F. B., & Medeiros, E. D. (2010). Correlatos valorativos de atributos desejáveis de um/a parceiro/a ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 166-175.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 296-313). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Meira, M., Gusmão, E. E. S., Sousa Filho, M. L., & Souza, L. E. C. (2008). Valores humanos e interesses vocacionais: Um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13, 593-601.
- Hofstede, G., de Hilal, A. V. G., Malvezzi, S., Tanure, B., & Vinken, H. (2010). Comparing regional cultures within a country: Lessons from Brazil. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 41, 336-352.
- Huber, J. T., & MacDonald, D. A. (2011). An Investigation of the relations between altruism, empathy, and spirituality. *Journal of Humanistic Psychology*, 52, 206-221.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI.
- Krueger, R. F., Hicks, B. M., & McGue, M. (2001). Altruism and antisocial behavior: independent tendencies, unique personality correlates, distinct etiologies. *Psychology Science*, 12, 397-402.
- Leeds, R. (1963). Altruism and the norm of giving. *Merrill-Palmer Quarterly*, 9, 229-240.
- MacLean, P. D. (1973). *A triune concept of the brain and behavior*. Toronto, Canada: University of Toronto Press.
- Maclean, A. M., Walker, L. J., & Matsuba, M. K. (2004). Transcendence and the moral self: Identity integration, religion, and moral life. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 43, 429-437.
- Maner, J. K., & Gailliot, M. T. (2007). Altruism and egoism: Prosocial motivations for helping depend on relationship context. *European Journal of Psychology*, 37, 347-358.
- Mathur, V. A., Harada, T., Lipke, T., & Chiao, J. Y. (2010). Neural basis of extraordinary empathy and altruistic motivation. *NeuroImage*, 51, 1468-1475.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Medeiros, E. D., Gouveia, V. V., Gusmão, E. E. S., Milfont, T. L., Fonsêca, P. N., & Aquino, T. A. A. (2012). Teoria funcionalista dos valores humanos: Evidências de sua adequação no contexto paraibano. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13, 18-44.

- Michener, H. A., Delamater, J. D., & Myers, D. J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo: Thomson.
- Oceja, L., & Salgado, S. (2013). Why do we help? World change orientation as an antecedent of prosocial action. *European Journal of Social Psychology, 43*, 127-136.
- Penner, L. A., Dovidio, J. F., Piliavin, J. A., & Schroeder, D. A. (2005). Prosocial behavior: Multilevel perspectives. *Annual Review Psychology, 56*, 365-392.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia social* (27ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Ronen, S. (1994). An underlying structure of motivational need taxonomies: A cross-cultural confirmation. In H. C. Triandis, M. D. Dunnette, & I. M. Hough (Eds.), *Handbook of industrial and organizational psychology* (Vol. 4, pp. 241-269). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Rushton, J. P., Chrisjohn, R. D., & Fekken, G. C. (1981). The altruistic personality and the self-report altruism scale. *Personality & Individual Differences, 2*, 293-302.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues, 50*, 19-45.
- Schwartz, S. H. (2007). Universalism values and the inclusiveness of four moral universes. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 38*, 711-728.
- van de Mortel, T. F. (2008). Faking it: Social desirability response bias in self-report research. *Australian Journal of Advanced Nursing, 25*, 40-48.
- van de Vliert, E., Huang, X., & Parker, P. M. (2004). Do colder and hotter climates make richer societies more, but poorer societies less, happy and altruistic? *Journal of Environmental Psychology, 24*, 17-30.
- Wezel, C. (2010). How selfish are self-expression values? A civicness test. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 41*, 152-174.
- Yi, R., Charlton, S., Porter, C., Carter, A. E., & Bickel, W. K. (2011). Future altruism: Social discounting of delayed rewards. *Behavioral Processes, 86*, 160-163.
- Zago, A., Silveira, M. F., & Dumith, S. C. (2010). Prevalência de doação de sangue e fatores associados, Pelotas, RS. *Revista de Saúde Pública, 44*, 112-132.

Autores:

Valdiney Veloso Gouveia – Doutor em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madrid. Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba.
 Walberto Silva dos Santos – Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Adjunto II da Universidade do Ceará.
 Rebecca Alves Aguiar Athayde – Bolsista de Doutorado do CNPq no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB.
 Roosevelt Vilar Lobo de Souza – Bolsista de Mestrado do CNPq no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB.
 Estefânea Élide da Silva Gusmão – Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Adjunto I da Universidade do Piauí.

Endereço para correspondência:

Roosevelt Vilar Lobo de Souza
 Rua Antônio Miguel Duarte, 50, Bloco I, Apto 304
 CEP 58051-125 João Pessoa, PB, Brasil
 Tels.: (83)3031-1409 / (83)87323-3100 / (83)9650-4400
 E-mail: roosevelt.lobo@gmail.com

Recebido em: 16.05.2013

Aceito em: 11.06.2014